

Caderno Artístico

Dezembro 2023 - Ano 2 • Nº 04

O juiz federal aposentado B. G. da Costa Fontoura apresenta, em crônica, a trajetória de Marie Duplessis.

A desembargadora federal aposentada Orlanda Luiza abrilhanta a edição com duas poesias: "O tempo a passar" e "Caminhar é preciso".

Em crônica, o desembargador federal aposentado Vladimir Passos de Freitas, conta sobre o destino dos que litigam em juízo.

#CRÔNICA

Página 5

#POESIA

Páginas 4 e 13

#CRÔNICA

Página 14



ESPAÇO DOS(AS)

Aposentados(as)



AJUFE

Mensagem

DA COORDENADORA

O fim do ano se aproxima e nosso Caderno Artístico celebra esta passagem com uma nova edição.

Poesias e crônicas dão vida a esta publicação. Orlanda Luiza, sugestivamente, compõe versos sobre o tempo, sua passagem e a imperiosidade de viver. É com muita sensibilidade que nos traz "O tempo a passar" e "Caminhar é preciso".

Nas crônicas, B. G. da Costa Fontoura, com a costumeira riqueza de detalhes, fruto de criteriosa pesquisa histórica, nos traz "Marie Dupleissis: A delicada dama efêmera e o seu destino de musa pertinaz". E, Vladimir Passos de Freitas, com sua habilidade para narrar, nos presenteia com relato de singular experiência por ele vivenciada na condição de magistrado, em "Sorte e Azar no destino dos que litigam em juízo".

Por este Caderno, podemos, uma vez mais, entrar em contato com o que muitos de nós, magistrados e magistradas, criamos, para além das letras jurídicas. E a arte ajuda a compreender a nós mesmos.

Com esta mensagem, desejo aos caros e caras colegas um Natal de luz e paz e um Novo Ano em que possamos fazer o melhor de nós para que se concretizem as esperanças sempre renovadas de um mundo melhor.

Maria Helena Rau de Souza
Juíza federal aposentada da 4ª Região
e Diretora de Assuntos de Interesses
dos Aposentados da Ajufe



SUMÁRIO

Mensagem da coordenadora	2
--------------------------------	---

Maria Helena Rau de Souza

Juíza federal aposentada da 4ª Região

Poesia	4
--------------	---

Orlanda Luiza

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

Crônica	5
---------------	---

B. G. da Costa Fontoura

Juiz federal aposentado da 2ª Região

Poesia	13
--------------	----

Orlanda Luiza

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

Crônica	14
---------------	----

Vladimir Passos de Freitas

Desembargador federal aposentado da 4ª Região

Expediente

Coordenação: **Maria Helena Rau de Souza**

Coordenação de comunicação: **Priscilla Peixoto**

Revisão: **Eduardo Gomes**

Diagramação e projeto gráfico: **Lucas Soares**

**Ajufe — Setor Hoteleiro Sul, Quadra 6, Bloco E,
Conjunto A, Sala 1305**

Brasil 21 - Ed. Business Center Park - CEP 70322-915

Tel.: (61) 3321-8482

Contato

imprensa@ajufe.org.br

www.ajufe.org.br

www.facebook.com/ajufe.oficial

www.youtube.com/tvajufe

www.twitter.com/ajufe_oficial

www.instagram.com/ajufe_oficial

www.flickr.com/ajufe_oficial

Poesia

O tempo a passar

Passaram-se dois minutos e já não sei o que aconteceu inda agora.
 Duas horas e tudo ficou distante.
 Dois dias e de nada me lembro daqueles ontens.
 Dois anos, quanto tempo, um século...
 Cantos cantados, contos vividos, sonhos sonhados, amores, fantasias...
 Tudo já é passado. Vencido. Finalizado.
 Vida por concluir. Figuras nas nuvens.
 O presente é um segundo que você sorve, que você reflete ou que deixa escapar.
 É a flor da manhã que murcha ao entardecer.
 É o dormir ao som de uma suave música.
 O sorriso que os lábios abrem a outro sorriso.
 O presente é o beijo que o surpreende, o abraço que se dá, o amor à primeira vista...
 Presente é o olhar que queima seu coração e lhe enrubece a face.
 É a cor morena que encanta e o loiro que o deixa embevecido.
 Pode ser a dor fulminante ou o convite ao amor... a lágrima que cai,
 o grito de socorro, o pulsar do coração.
 Beijo na mão, estrela cadente, relâmpago.
 Luz a se apagar... Apagão. Chão escorregadio. Afago do traidor.
 Presente é almejar o futuro, que já é passado.
 Presente é segurar uma gota de orvalho... É sentir paixão.
 Presente é... prazer e magia.
 É o encontro repentino de um velho amigo.
 É a volta inesperada de um filho.
 Presente é a presença do amado.
 Presente é conceber.
 Presente é ver as maravilhas de Deus a cada instante.
 Quero conter o tempo.
 Quero viver e compartilhar momentos.
 Quisera multiplicá-los e dividi-los.
 O presente é um grande presente.
 Seja presença. Seja presente.



Autoria

Orlanda Luiza

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

Crônica

Marie Duplessis:

A delicada dama efêmera e o seu destino de musa pertinaz

"Il faut que nous ayons bien fait du mal avant de naître, ou que nous devions jouir d'un bien grand bonheur après notre mort, pour que Dieu permette que cette vie ait toutes les tortures de l'expiation et toutes les douleurs de l'épreuve".¹

ALEXANDRE DUMAS fils. *La dame aux camélias* (roman). Chapitre XXVI.

"Così alla misera, ch'è un dì caduta, di più risorgere speranza è muta! ... Se pure benéfico la indulga Iddio, l'uomo implacabile per lei sarà!"²

FRANCESCO MARIA PIAVE. *La traviata* (libretto). Atto II, scena 5.

EXÓRDIO. Na Grécia antiga, existiu uma categoria profissional composta de mulheres isentas do poder marital, que, para regalar os homens, cultivavam além dos dotes físicos também os dotes intelectuais, alçando-se assim a um grau superior à média das suas compatriotas. Eram as hetairas (orig. grego *ἑταίραι* ou, na transliteração, *hetaírai*). Naquela sociedade, elas desfrutavam de respeitável posição e de maior liberdade do que as demais mulheres e até mesmo eram protegidas e tributadas pelo poder público. Apesar de não mais subsistir tal categoria, os nomes de algumas hetairas sobrevivem ainda nas páginas da história, como o de Aspásia, que se uniu a Péricles, como o de Taís, que acompanhou Alexandre em suas vitoriosas campanhas, como o de Frine, musa do escultor Praxíteles, cujo desnudamento perante os seus juízes os deslumbrou, como o de Nemeia, retratada pelo pintor Aristofonte estreitando Alcibiades nos braços, e como o de Timandra, que amortalhou o mesmo.

1) Na Antiguidade Tardia, quando já se dissipavam os derradeiros rastros do helenismo e com as hetairas fora de cena, sucede o triunfo do cristianismo (século IV), vindo a preponderar o misógino episódio bíblico do pecado original, que responsabiliza a mulher pela perda do Éden. A partir daí, desencadeia-se uma mórbida obsessão pelas condutas transgressoras das normas sociais vigentes, o que vem despertar nos homens um insólito fascínio pelo sexo sem compromisso. Na cultura judaico-cristã, as mulheres, vítimas da desumana humanidade, ficaram sujeitas, durante séculos, a espinhosas limitações. Posicionadas em vexaminoso plano inferior, permaneceram elas privadas do exercício de muitas atividades profissionais, do direito de voto, das possibilidades de acesso ao ensino superior ou ao sacerdócio e até mesmo de poderem ser iniciadas em fraternidades secretas, inclusive naquelas autodefinidas como meramente discretas. Ademais, nas comunidades onde vigorava a *lex salica*, excluía-se as mulheres do direito de herança ao domínio fundiário e da linha sucessória aos tronos. Para se realizarem, máxime aquelas mulheres oriundas de classes socioeconômicas subalternas, limitavam-se elas praticamente ao estreito destino da alcova, seja o da alcova marital, para gerarem prole, seja o das alcovas ocasionais, para gerarem mero prazer casual a troco de pecúnia. E ainda agora, no século XXI, entre alguns povos onde predomina a fé muçulmana, persiste uma degradante situação para o gênero feminino!

2) Na França do século XIX, entretanto, viveria uma mulher bela e inteligente, que, apesar da sua exígua existência e da sua escassa escolaridade, conseguiria entesourar relativa cultura e que muito bem se presta para evocar o perfil de uma hetaira helênica. Trata-se de Rose-Alphonsine Plessis, conhecida pelo pseudônimo MARIE DUPLESSIS. Nasceu ela em Nonnant-le-Pin, departamento de Orne, região da Baixa Normandia, a 15 de janeiro de 1824, filha de Jean-Martin (Marin) Plessis (1790–1841), granjeiro pobre, e de sua mulher Marie-Louise-Michelle, née Deshayes (1794–1834), descendente de nobres empobrecidos. A sua abreviada vida transcorre durante o tumultuado período histórico de ascendência da alta burguesia francesa e de concomitante declínio da aristocracia de sangue. Privada da proteção da mãe ainda na infância, o seu pai a leva para Paris, quando adolescente de quatorze ou quinze anos, deixando-a com parentes maternos. Ela se dedica, a princípio, ao desempenho de tarefas humildes como a de simples auxiliar de costura, mas colegas mais espertas e mais experientes a industriam no exercício simultâneo da denominada *mais antiga profissão do mundo*, a da difícil *vida fácil*, alertando-a para a possibilidade de elevação de status, todas elas subservientes à mórbida obsessão pelas condutas transgressoras.

3) Um empresário abastado melhorou-lhe a morada e, destarte, veio ela a conhecer um jovem aristocrata, Antoine-Agénor-Alfred³ (1819–1880), posteriormente titulado como duque de Gramont, que lhe abriria as portas para a ascensão social. Ostentando a esbelta silhueta de uma sílfide, com 1 m 65 cm de altura, logo iria ela devotar-se a estudos variados, incluindo o de pianística, e ao aprendizado de etiqueta, de maneira a se transformar numa sedutora *demi-mondaine* (embora seja esta uma denominação imprópria para ela).⁴ Passa, portanto, a frequentar ambientes refinados e a aquecer os leitos de homens de posição social elevada, alguns deles vinculados às artes, dentre os quais Franz Liszt⁵ (1811–1886) e Alexandre Dumas *filis*⁶ (1824–1895), com quem manteve ela envolvimento amoroso, o que contribuiria decisivamente para celebrá-la e para celebrizá-la. Àquela época, Liszt já vivia separado da escritora Marie d'Agoult (1805–1876), mãe dos seus três filhos, e Dumas, ainda solteiro, desfrutava da liberdade inerente ao celibato, ambos emocionalmente disponíveis, portanto, para ditos envolvimento. De uma feita, ela até tentou, sem êxito, viajar como acompanhante de Liszt em uma das suas turnês musicais, do que ele, por precaução, se eximiu.

4) Homem deveras significativo na sua vida seria o conde von Stackelberg⁷ (1766–1850), um ex-militar que o tsar Alexandre I (1777–1825) fizera diplomata e que como tal integrara a representação da Rússia perante outras potências europeias e perante o Congresso de Viena (1814–1815). Aposentando-se, passara ele a residir em Paris e, quando viu a esguia normanda, parece que se impressionou com a sua frágil beleza, prenúncio do mal infeccioso que a vitimaria, porque lembrava a aparência de uma das suas seis filhas, falecida ainda jovem. Nutrindo por ela um sentimento ambíguo, meio paternal e meio lascivo, e ajudando-a financeiramente em muitas oportunidades, iria ele torná-la sua *protégée*, situação essa que perduraria até a prematura morte dela.

5) Em dezembro de 1843, durante um *bal masqué*, o conde de Perrégaux⁸ (1815–1889) encontrou a pálida e generosa Alphonsine e, no início de 1844, eles se tornaram amantes. Durante algum tempo, viveram juntos em Bougival⁹, à época agradável local de recreio e repouso nas cercanias de Paris. Jogador inveterado, Perrégaux, quando do retorno de uma viagem à Alemanha e à Suíça, constata que dilapidara a sua fortuna. Tenta ele fazer com que aquela união livre passe a ser permanente e exclusiva, mas ela exige, como galardão, um compromisso matrimonial, sob a ameaça de deixá-lo. Aparentemente, deslumbrava-se mais com a possibilidade de poder usar o título de condessa consorte de Perrégaux do que com a de usufruir meros proveitos financeiros. Finaliza ele, então, o vínculo com a atriz Alice Ozy (1820–1893) e, sem obter a anuência da sua família, se casa furtivamente com Alphonsine Plessis no Kensington Register Office, Londres, a 21 de fevereiro de 1846. Na documentação, maculada por falsidade ideológica, constou

o domicílio dos nubentes como sendo em 37 Brompton Row, hoje Brompton Road, Kensington, distrito londrino, ainda que a permanência dos dois em solo britânico fosse simplesmente passageira.

6) Ora, possuindo ambos os nubentes nacionalidade francesa e domicílio na França, a celebração daquele casamento sofria de vício que obstaculizava a sua validade no território francês. Faltava-lhe o cumprimento da formalidade de publicação de dois proclamas com intervalo de oito dias na jurisdição do verdadeiro domicílio¹⁰, divergente do declarado. Esclarecida a situação pelo consulado francês em Londres, a união logo naufraga e ela retorna sozinha a Paris e, ali, ao seu cotidiano pretérito, agora como a precária condessa de Perrégaux, exibindo, nas portas das suas duas viaturas, um arremedo do brasão do momentâneo marido. A peste branca, entretanto, ignorando quaisquer sentimentos, dignos ou indignos, arrasa-lhe a saúde e decreta o inelutável...

7) Alphonsine Plessis adotara o pseudônimo Marie Duplessis, porque o achava mais elegante do que o seu nome verídico, mas a elegância não basta para despistar o implacável Tânatos! Com os pulmões arruinados pelas cavernas resultantes das sucessivas hemoptises, típicas da tuberculose que devastava a sua débil beleza, veio ela a expirar em sua residência (11 Boulevard de la Madeleine)¹¹, na hibernal madrugada de 3 de fevereiro de 1847 (quarta-feira), exatamente dezenove dias após ter completado tão só vinte e três anos de idade. Sucumbiu abandonada pelos seus admiradores, exceto por Stackelberg e por Perrégaux, apesar de, enquanto moribunda, sequer ter ela permitido a presença deste último diante dos seus olhos. Já Dumas nem se encontrava então em Paris e veio a saber do finamento apenas posteriormente.

8) Dois dias depois, em 5 de fevereiro (sexta-feira), realizaram-se as exéquias na vizinha igreja de Sainte-Marie-Madeleine, com lugares reservados para somente vinte pessoas. A seguir, sob chuva fina, o séquito fúnebre rumou para o Cemitério do Norte, em Montmartre, onde o corpo foi inumado em um sepulcro temporário. O mortificado Perrégaux, porém, logo promoveu a transladação para um jazigo perpétuo na mesma necrópole¹², o que se consumou em concorrido evento, a 16 de fevereiro (terça-feira), que naquele ano coincidiu com o dia das burlescas diversões do *Mardi gras*. Octogenário, mas saudável, Stackelberg ainda sobreviveria à sua *protégée* por três anos. Cônjuge supérstite *sui generis*, Perrégaux sobreviver-lhe-ia por quarenta e dois anos, porém, talvez prisioneiro do remorso por tê-la iludido com a farsa londrina, nunca recasou. Dumas sobreviveria à sua amada musa por quarenta e oito anos e, durante tal período, costumava ele ornamentar-lhe a tumba com flores, tendo deixado, em testamento, instruções para que tal prática persistisse mesmo após a sua morte. Hoje em dia, anônimos visitantes ainda depositam flores ali, mormente camélias.

9) Em 1848, ano seguinte ao do óbito, Dumas publica o seu romance *La dame aux camélias*¹³, assim denominado porque a musa inspiradora, detestando o perfume de rosas, costumava adornar-se com inodoras camélias, geralmente brancas ou, nos dias de menstruo, vermelhas. A obra descreve o fracassado caso de amor entre a cortesã Marguerite Gautier e Armand Duval, jovem graduado em direito, mas dependente da economia familiar. Tal relacionamento resulta rompido por força da tenaz oposição paterna, contaminada pela hipocrisia da sociedade burguesa da época. Com uma imensa dose de ficção e até omitindo o breve episódio matrimonial, o romancista recorre ali, dissimulada e pateticamente, à sua própria ligação com Marie Duplessis. O relativo sucesso da obra levou o autor a adaptá-la para o palco e o drama homônimo foi estreado no Teatro do Vaudeville, Paris, a 2 de fevereiro de 1852, véspera do quinto aniversário daquela morte precoce. O papel de Marguerite Gautier foi criado pela atriz Eugénie Doche (1821–1900), que iria interpretá-lo nas ribaltas por mais de seiscentas vezes. Muito embora aquela dramatização viesse a alcançar favorável acolhida do público, Perrégaux, sabendo-se ali representado, jurou que jamais a veria e, presumivelmente, nunca a viu.

10) Giuseppe Verdi (1813–1901) assistiu a uma apresentação do drama em Paris, entusiasmando-se com o tema e logo manifestando a intenção de adaptá-lo para a cena lírica. Ao poeta veneziano Francesco Maria Piave (1810 – 1876) coube escrever o libreto da ópera que receberia o título de *La traviata*, vocábulo italiano esse de complexa tradução para o vernáculo, mas que pode significar *transviada* ou *extraviada* ou *desencaminhada*. A fim de afastar imputações de plágio, o libreto omite alusões às famosas camélias da protagonista e, também como disfarce, esta recebe o nome de Violetta Valéry, em vez de Marguerite Gautier, enquanto Armand Duval recebe o nome de Alfredo Germont. A estreia ocorre no Teatro La Fenice, em Veneza, a 6 de março de 1853, e redundou num escandaloso fiasco. Fanny Salvini-Donatelli (1815–1891), a soprano criadora do papel de Violetta Valéry, era robusta demais para encarnar a jovem agonizante do último ato. Quatorze meses depois, em 6 de maio de 1854, porém, a ópera, após sofrer revisões, volta ao palco, agora no Teatro San Benedetto, também em Veneza, protagonizada pela soprano Maria Spezia Aldighieri (1828–1907), sendo recebida entusiasticamente. A partir daí o prestígio de *La traviata* se agiganta tanto que passa a constituir uma das obras mais apreciadas, mais notáveis e mais encenadas nos palcos líricos dos quatro cantos do mundo, “a ópera sobre a qual o sol jamais se põe”.

11) O argumento de *A dama das camélias* também corporifica fonte de inspiração para a arte terpsicórica e há várias versões do mesmo para balé, valendo-se de composições musicais de distintos autores, a maioria delas pré-existentes. A título meramente exemplificativo, embora existam outras, mencionam-se: *Rita Gautier*, música de Verdi (Turim, 1857); *Camille*, música de Schubert e Rieti (Nova York, 1946); *The Lady of the Camellias*, música de Verdi (Nova York, 1951); *Camille*, música de Verdi (Chicago, 1957); *Die Kameliendame*, música de Sauguet (Berlim, 1957); *Marguerite et Armand*, música de Liszt (Londres, 1963); *Die Kameliendame*, música de Chopin (Stuttgart, 1978).

12) O advento da cinematografia vai fazer inevitável o consórcio entre o teatro e sétima arte, através da qual se multiplica a quantidade de espectadores de maneira astronômica. Atentos à realidade, os produtores se aproveitam da exuberância do tema e cineastas de variadas tendências se aproveitam de recursos até então impensáveis para as limitações dos palcos teatrais. Surgem, pois, as adaptações cinematográficas, baseadas ou apenas inspiradas em *La dame aux camélias*, logo projetadas nas salas exibidoras de todo o mundo e, mais tarde, transmitidas pelos canais televisivos e disponibilizadas no meio digital. Desde 1907, este drama teatral foi adaptado para o cinema pelo menos trinta vezes, algumas com roteiros medíocres. De nacionalidades diversas, muitas dessas produções receberam o título de *Camille*, adotado na pioneira tradução inglesa da peça teatral, e outras receberam títulos diferentes, nem sempre tendo sido ali observado fielmente o título original atribuído por Dumas.

REMATE. No Ocidente, nenhuma mulher que tenha vivido como viveu Marie Duplessis conseguiu merecer tantas reminiscências provindas da arte¹⁴. Romance, drama teatral, ópera, dança e cinema a celebram e a celebrizam e, na pintura, embora só tenha alcançado grande fama o retrato a óleo executado por Édouard Viénot¹⁵ (1804–1884), outros artistas plásticos criaram obras inspiradas no tema de *La dame aux camélias*. Ela brotou como Rose, preferia camélias, a literatura a metamorfoseou em *Marguerite* e a música a converteu em *Violetta*: quatro flores evocando uma única mulher. Desprovida de vocação para cortesã, sendo simples vítima das circunstâncias, nem se poderia considerá-la como uma reles mercenária, como *cocotte*, *demi-mondaine* ou *grande horizontale*, vil prestadora de prazer venal. Na verdade, de apenas seis ou sete se constituía o restrito naipe dos privilegiados com quem ela compartilhava o leito. Tal situação melhor se assemelha à de uma isolada prática de poliandria, conquanto cultivada no seio de uma sociedade patriarcal, pretensamente monogâmica e sub-repticiamente entusiasta da poligamia dissimulada. O jornalista Jules-Gabriel Janin¹⁶ (1804-1874), que conhecera pessoalmente aquela cativante mulher e que veio a prefaciá-la

edições de *La dame aux camélias*, descreve-a como inegável possuidora de maneiras requintadas, sobressaindo-se com a delicada postura de uma fina dama, de forma que quem ignorasse o mister de que ela se ocupava jamais iria imaginá-lo. Em suma, ela ascendera socialmente, mas não procedia como uma *parvenue*. O romancista Charles Dickens (1812–1870), que se encontrava em Paris quando do seu funeral, surpreendeu-se com a atitude inabitual da multidão ali agregada, revelando reverência inerente a homenagens para uma heroína nacional, de tão profunda a consternação exposta por aqueles tristonhos comparecentes. Revisitando-a agora, ao ensejo do bicentenário do seu nascimento, encanta sentir-se que ainda perdura o preito da arte que nunca a celebrou nem a celebrizou degradantemente como *La putain aux camélias*, mas sempre deveras condignamente como ***La dame aux camélias***.

NOTAS

¹ “É preciso que tenhamos feito muito mal antes de nascer ou que devamos gozar uma grande felicidade após a morte para que Deus permita que nesta vida existam todas as torturas da expiação e todas as dores da provação”. (Excerto do diário da protagonista Marguerite Gautier, lançado em 10 de janeiro, dias antes de sua morte, conforme o capítulo XXVI do romance *A dama das camélias*).

² “Assim para a infeliz, que um dia decaiu, é muda a esperança de se reerguer! ... Se o bondoso Deus, todavia, a perdoa, o homem será implacável para ela!”. (Excerto do dueto dos personagens Violetta Valéry e Giorgio Germont, pai de Alfredo Germont, no ato II, cena 5, da ópera *La traviata*).

³ Antoine-Agénor-Alfred, príncipe de Bidache e duque de Guiche e de Gramont (Saint-Germain-en-Laye, hoje no departamento de Yvelines, 18 de agosto de 1819 – Paris, 18 de junho de 1880). Diplomata e estadista, viria a ser ministro dos Assuntos Estrangeiros no final do Segundo Império (1852–1870), às vésperas da guerra franco-prussiana (1870–1871).

⁴ A rigor, as expressões *demi-mondaine*, *cocotte* e *grande horizontale* só se propagaram a partir do Segundo Império (1852 – 1870), sendo, pois, alheias às coetâneas de Marie Duplessis (1824 – 1847).

⁵ Franz Liszt (Doborján, Hungria, hoje Raiding, Áustria, 22 de outubro de 1811 – Bayreuth, Alemanha, 31 de julho de 1886). Compositor musical, criador do poema sinfônico e virtuose do piano. Autor das duas composições adotadas no balé *Marguerite et Armand*, estreado por The Royal Ballet, em Londres, 1963.

⁶ Alexandre Dumas *filis* (Paris, 27 de julho de 1824 – Marly-le-Roi, hoje no departamento de Yvelines, 27 de novembro de 1895). Filho de Alexandre Dumas (1802–1870). Romancista e teatrólogo, as suas obras eram engajadas com a defesa de uma moral mais livre, sobretudo favorável a mulheres e crianças.

⁷ Gustave-Ernst Ottonovitch, conde von Stackelberg (Reval, Rússia, hoje Tallinn, Estônia, 5 de junho de 1766 – Paris, 18 de abril de 1850). Casado com Karoline Wilhelmine, *née* von Lüdolf (Istambul, 1785 – Paris, 4 de junho de 1868), gerou cinco filhos e seis filhas, sendo que três destas morreram relativamente jovens: Elisabeth (1807 – 1840), Marie (1818 – 1840) e Hélène (1820 – 1843).

⁸ François-Charles-Édouard, conde de Perrégaux (Paris, 1º de novembro de 1815 – Saint-Cyr-sur-Loire, departamento de Indre-et-Loire, 30 de maio de 1889). Ainda muito jovem herdou a fortuna paterna. Oficial de cavalaria, serviu na Argélia, mas acabou por abandonar a carreira militar. Era chegado a conquistas amorosas, porém se casou apenas uma única vez com Rose-Alphonsine Plessis (1846).

⁹ Bougival, hoje comuna do departamento de Yvelines (desmembrado do antigo departamento de Seine-et-Oise por lei de 10 de julho de 1964), região da Île-de-France, cerca de 20 km a oeste do centro de Paris.

¹⁰ Exigência para validade do ato consoante o disposto nos arts. 63 e 170 do Código Civil dos franceses (*Code Napoléon*), vigorando ainda em 1846 com a mesma redação original desde 29 de março de 1804.

¹¹ A última residência de Rose-Alphonsine Plessis, onde ela faleceu, era um apartamento no segundo andar do prédio situado em 11 Boulevard de la Madeleine, Paris, I^{arr.}, próximo à igreja de Sainte-Marie-Madeleine, prédio esse que ainda existe, mas atualmente renumerado para 15.

¹² O sepulcro perpétuo de Rose-Alphonsine Plessis fica no Chemin Saint-Éloy, 15^a Divisão, Cemitério do Norte, mais conhecido como Cemitério de Montmartre, situado em 20 Avenue Rachel, Montmartre, Paris, XVIII^{arr.} Na lápide, abaixo do nome Alphonsine Plessis e das datas de nascimento e de morte, está gravada a expressão latina “*De profundis*”, com a qual inicia o salmo nº 129, o sexto salmo penitencial. Na mesma necrópole, também se acham inumados os corpos do conde von Stackelberg, de Alexandre Dumas *filis* e de Eugénie Doche, atriz criadora do papel de Marguerite Gautier.

¹³ *A dama das camélias* inspirou José de Alencar (1829–1877) a compor o romance urbano *Lucíola* (1862), ambientado no Rio de Janeiro à época do Império, no qual a sedutora cortesã Lúcia (Maria da Glória) procede de modo alheio à conduta típica das mulheres dedicadas ao seu *métier*.

¹⁴ A memória de Marie Duplessis também se acha preservada no *Musée de la Dame aux Camélias*, instalado no castelo de Gacé, 454 Place du Chateau, Gacé, departamento de Orne, região da Baixa Normandia. Em tal museu estão conservados vários documentos e objetos pessoais de Rose-Alphonsine Plessis, a qual, quando ainda menina, antes de se radicar em Paris, residira naquela localidade, assim como estão conservados vários documentos e objetos relacionados ao drama teatral *La dame aux camélias* e à ópera *La traviata*.

¹⁵ Édouard Viénot (Fontainebleau, departamento de Seine-et-Marne, 13 de setembro de 1804 – Bruxelas, Bélgica, 12 de fevereiro de 1884). Discípulo de Louis Hersent (1777 – 1880) e de Paulin Guérin (1783 – 1880), ingressou, em 1822, na Escola Nacional Superior de Belas-Artes, Paris. Destacou-se como pintor retratista em Paris e em Londres, cidades onde manteve estúdios. Vindo ao Brasil, foi nomeado retratista da casa imperial (alvará de 10 de agosto de 1869) e retratou, dentre outras personalidades, o imperador Dom Pedro II, a imperatriz consorte Teresa Cristina e a princesa Isabel Cristina.

¹⁶ Jules-Gabriel Janin (Saint-Étienne, departamento de Loire, 16 de fevereiro de 1804 – Paris, 19 de junho de 1874). Jornalista, romancista, contista e crítico literário. Casou-se (1841) com Adélaïde-Julie-Henriette Huet-Masson (1820 – 1876), editora e dramaturga. Amigo de Alexandre Dumas *filis*, prefaciou edições de *La dame aux camélias*, onde registrou as suas impressões sobre Marie Duplessis.

BIBLIOGRAFIA RESTRITA

BUDET, Micheline. ***La Fleur du mal: la véritable Histoire de la Dame aux camélias***. Paris: A. Michel, 1993.

DUMAS Filho, Alexandre. **A dama das camélias**. Trad. Marina Guaspari. Introdução de Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, [s. d.]

DUMAS fils, Alexandre. **La dame aux camélias**. Préface de Jules-Gabriel Janin. Paris: Michel Lévy Frères, Éditeurs, 1857. Disponível em: www.openlibrary.org/books/OL24190642M/La_dame_aux_camélias. Acesso em: 2 out. 2023.

FARO, Antônio José; SAMPAIO, Luiz Paulo. **Dicionário de balé e dança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

KAVANAGH, Julie. **The Girl Who Loved Camellias: The Life and Legend of Marie Duplessis**. New York: Knopk, 2013.

OSBORNE, Charles. **Verdi: vida e ópera**. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Trad. Denise Rotman e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PIRES, Fernando (coord.). **Óperas imortais 1: La traviata**. Trad. Manuel Rosa. Inclui o libreto de Francesco Maria Piave. Lisboa: Editorial Notícias, [s. d.].

PLUTARCO. **Vidas paralelas**. Trad. Gilson César Cardoso. São Paulo: Ed. Paumape, 1991. v. I (biografia de Péricles), v. II (biografia de Alcibiades) e v. IV (biografia de Alexandre).

POIROT-DELPECH, Bertrand. **Marie Duplessis: La dame aux camélias**. Paris: Éd. Frédéric Patat, 2015.

ROUNDING, Virginia. **Grandes Horizontales: The Lives and the Legends of Four Nineteenth-Century Courtesans**. London: Bloomsbury Publishing, 2003.

TULARD, Jean. **Dictionnaire du cinéma**. Paris: Éd. Robert Laffont, 2007.

VIENNE, Romain. **La vérité sur la dame aux camélias: Marie Duplessis**. London: Fb&c, 2017.

Rio, outubro de 2023.

APÊNDICE ICONOGRÁFICO



Fig. 1. **Retrato de Marie Duplessis com camélia** (c. 1845), óleo de ÉDOUARD VIÉNOT (1804–1884).



Fig. 2. *Marie Duplessis no teatro* ((1845), aquarela de CAMILLE ROQUEPLAN (1803-1855). Coleção Museu Carnavalet (Musée de la Ville de Paris).



Fig. 3. Vista do prédio situado no 15 (antigo 11) Boulevard de la Madeleine, Paris, I arr., última residência de Rose-Alphonsine Plessis, onde ela faleceu.



Fig. 4. Vista do interior da igreja de Sainte-Marie-Madeleine, situada na Place de la Madeleine, Paris, VIII arr., onde foram celebradas as exéquias por Rose-Alphonsine Plessis.



Fig. 5. Vista da sepultura de Alphonsine Plessis no Chemin Saint-Éloy, 15ª Divisão, Cemitério do Norte, mais conhecido como Cemitério de Montmartre.



Fig. 6. Vista parcial de uma das salas do Musée de la Dame aux Camélias, instalado no castelo de Gacé, 454 Place du Château, Gacé, departamento de Orne, região da Baixa Normandia.



Autoria

B. G. da Costa Fontoura

Juiz federal aposentado da 2ª Região

Poesia

CAMINHAR É PRECISO

- A vida o espera.
Ah! Que engano!
A vida não espera ninguém.
Vai passando.
Segure-a, se puder.
Agarre-a. Prenda-a por
entre os dedos, sem
apertá-los. Não abra mão
de sua chance. Não feche seu
coração ao momento que chega.
Pode não vir outro, pelo menos tão arrebatador.
Um instante de emoção.
Um instante de abraço apertado.
Instantes inesquecíveis de arroubos, de encantamento.
Segundos viram minutos, que viram horas.
Não deixe perderem-se as horas.
Juntam-se e formam um dia.
Um dia que passa e passou.
Um ano que se foi. Outro e outro...
Você a esperar pela vida, que não espera...
É célere, apressada, escassa e esvai-se, desaparecendo
no horizonte trevoso para sua curta visão.
Você à espera de dias melhores que não conquistou
e que não se fazem sem um impulso.
Dê o primeiro passo... o segundo...o terceiro...
Caminhe feito uma criança que aprendeu a andar.
Não fique parado nem a andar de um lado para outro,
sem sentido.
A encruzilhada pede uma direção a tomar. Cabe somente
ao caminheiro decidir.
Acenda sua luz, comece a ver e a enxergar.
Levante os pés. Levante a cabeça.
Não irá, certamente, tornar-se aquele crustáceo que anda de ré.
O mundo, sim, o espera. Seja presença.
A estrada pode ser tortuosa, o sol inclemente, muitas pedras de tropeço.
Mas alegrias e sonhos, dias jubilosos e frestas de felicidade, sombra
e água fresca também o aguardam.
Olhe onde pisa e volte a olhar para cima. Vá em frente.
Não retroceda. Ande! Avance!
Caminhar é preciso. De cabeça erguida.



Autoria

Orlanda Luiza

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

Crônica

Sorte e Azar

no destino dos que
litigam em juízo

Porto Alegre, tarde nublada do dia 18 de novembro de 1994. Sentado na confortável poltrona do meu gabinete, entre bocejos leio um dos 1.500 processos que aguardavam julgamento. Eis que, de repente, entra na sala a assessora e, com gravidade no olhar, diz: Dr., estão chamando o senhor com urgência para participar de julgamento na 3ª. Turma. Respondo o óbvio, não sou da turma, o que querem de mim? Ela reagiu com um olhar que ia além do preocupado, para atingir o nível angustiado: não sei, mas disseram que é urgente...

Levantei-me, coloquei o paletó e, sem esperar o elevador, desci os seis andares pela escada, pulando degraus. Afinal, algo grave devia estar acontecendo.

Ao entrar na sala de julgamentos, com todos à minha espera, fui informado que se tratava de uma apelação criminal e que o voto do relator, reformando a sentença absolutória, dava provimento ao recurso do MPF e condenava o réu. O voto do revisor foi no sentido de manter a absolvição e o terceiro voto, do Desembargador Paim Falcão, acompanhava o revisor. Dois a um, réu absolvido.



Ocorre que, antes de ser proclamado o resultado, chegou o Diário Oficial da União, onde constava a esperada aposentadoria do Desembargador Pedro Máximo Paim Falcão. Consequentemente, ele não tinha mais jurisdição e seu voto de nada valia! E o detalhe era que, se fosse dado provimento ao recurso no dia seguinte, a ação penal prescreveria em razão da pena aplicada. Em suma, a apelação tinha que ser julgada naquela tarde e ponto final.

Sentei-me, respirei fundo e pedi o processo. Leitura dinâmica, caso oriundo do interior do Rio Grande do Sul, um crime contra a economia popular, que assumia maior gravidade em razão do grande número de vítimas e dos maus antecedentes do acusado.

Por 15 minutos fiquei a ler, sala cheia de advogados, talvez parentes do acusado. Alguns olhares eram pouco amistosos. Solicitei esclarecimentos ao colega ao lado, que já havia votado. Refleti, tornei a refletir e, em meio à expectativa dos presentes, comecei a votar. Dando as minhas razões, cheguei à conclusão: voto com o relator para manter a sentença condenatória. O Presidente da Turma então anunciou o resultado: a turma, por maioria, dá provimento ao recurso, para o fim de condenar o apelado.

Na plateia escutei alguns murmúrios que, salvo engano, faziam algumas referências nada elogiosas à minha mãe. E assim a vida de uma pessoa, por circunstâncias absolutamente imprevisíveis, teve seu destino alterado. No caso, para pior.

Alguém duvida que a sorte e o azar acompanham os nossos passos, inclusive nas ações judiciais? Eu não.



Autoria

Vladimir Passos de Freitas

Desembargador federal aposentado,
ex-Presidente da Ajufe e do TRF
da 4ª Região



ESPAÇO DOS(AS)
Aposentados(as)



AJUFE

Conheça o espaço em:

<https://www.ajufe.org.br/espaco-dos-aposentados>



ajufe.official



ajufe_oficial



tvajufe



ajufe_oficial



ajufe_oficial

www.ajufe.org.br